1

— Ele tentou fazer-me uma *lap dance*, Farrah. Em pleno restaurante de quatro estrelas. — A Olivia Tang andou de um lado para o outro na casa de banho forrada de mármore preto do Ishikawa, os tacões a ecoar contra o chão, refletindo a sua agitação. — Gosto muito deste restaurante. O *sushi* é extraordinário, e é pelo menos um oito em dez em relação a todos os meus critérios para um local favorito: serviço, ambiente, decoração, localização e casas de banho limpas. Recuso-me a ser banida por conta de uma falta de discernimento momentânea quando concordei vir jantar com um tipo chamado Wesley.

A sua melhor amiga, a Farrah Lin-Ryan, soltou uma gargalhada, o som prateado a trinar através da chamada transcontinental e a envolvê-las numa onda de familiaridade. Há meses que a Olivia não ouvia aquela gargalhada presencialmente — desde que ela, a Farrah e as restantes amigas, a Courtney Taylor e a Kris Carrera (em breve, Kris Reynolds), voaram para Miami, em fevereiro, para uma viagem de raparigas. Sentia falta das melhores amigas na mesma cidade, mas um telefonema era melhor do que nada, sobretudo numa altura como aquela, em que estava a meio de *mais um* encontro desastroso.

— Diz que surgiu uma emergência e tens de abreviar o encontro — sugeriu a Farrah. — Daqui a alguns minutos, ligo-te a fingir que um familiar foi levado de urgência para o hospital.

— Até podia fazer isso, mas quero provar a sobremesa. — A Olivia passou a mão pelo cabelo preto e liso por baixo dos ombros e olhou para o seu reflexo ao espelho. Sentira-se tão otimista a respeito daquele

encontro que saíra do escritório a correr para ter tempo de se arranjar. Duas horas depois, o cabelo estava perfeito, a maquilhagem acentuava-lhe os olhos escuros e brilhantes e os lábios carnudos e rosados, o vestido preto elegantemente provocador colava-se ao corpo esguio. Os sapatos confortáveis, mas sensuais, com tacão adicionavam sete centímetros ao seu metro e sessenta.

Que desperdício.

Tanto tempo, energia e maquilhagem para nada.

— Eles são muito conhecidos pela sobremesa da casa — acrescentou, sentindo-se estranhamente impelida a justificar a sua permanência ali. — Gelado de maçã caramelizada e *kuromoji* servidos com *muesli*.

Havia poucas coisas que a Olivia se recusava a fazer por boa comida. Talvez porque não conseguia cozinhar nem que estivesse a morrer de fome, por isso contava com as aptidões culinárias dos outros para satisfazer as suas necessidades. Fosse como fosse, a obsessão dela pela comida já a levara a sítios por vezes duvidosos, mas sempre deliciosos, desde que tinha idade suficiente para distinguir um *temaki* de um *maki roll*.

— Parece-me delicioso. Vais a meio do prato principal, não é? Estás quase na sobremesa. Certifica-te de que o Wesley não tem outro surto *à la Magic Mike*. — A Farrah parecia contar as gargalhadas.

— Sim, sim, podes gozar-me à vontade, sua recém-casada feliz — resmungou a Olivia. — Não és tu quem se arrasta pelo pântano da vida de solteira na América moderna.

— Recém-casada ou não, continuo a adorar-te.

— Eu sei — suspirou a Olivia. — É melhor voltar à sala, não vá o Wesley pensar que caí na sanita ou algo do género. Juro, é bom que esta sobremesa valha o sacrifício.

— Tenho a certeza de que vai valer. Liga-me depois e conta-me como correu, sim? Adoro-te.

— E eu a ti.

Desligou o telemóvel.

Aquele encontro redundara num desperdício colossal de tempo, mas se ficasse para a sobremesa, sempre amenizava o gasto. Já pesara os prós e os contras: sacrificar mais meia hora e sair do restaurante com uma satisfação maior, ou fugir entretanto e acabar a noite sem satisfação

alguma (além do *sushi* delicioso que já comera, claro). A última hora e meia já era tempo perdido, não podia recuperá-lo.

Concluiu que uma satisfação maior compensava meia hora da sua vida. Afinal, tinha a obrigação para consigo de assegurar que a noite não fora um fracasso *total*, e desde que lera o artigo da *Mode de Vie* sobre a sobremesa exclusiva do Ishikawa que andava desejosa de a experimentar.

Saiu da casa de banho e tentou não fazer uma careta quando viu o Wesley à mesa, a beber mais um saquê. Segundo as informações do seu perfil na aplicação de encontros, ele era agente imobiliário e gostava de vinhos e de viajar — como a Olivia —, e era tudo verdade. No entanto, esquecera-se de mencionar — mas anunciara dez minutos depois do início do jantar — que também tinha um *part-time* como *stripper* num bar chamado Cock Pit.

Era o nome do local e trabalho noturno do Wesley e, sim, segundo o tagarela que lhe fazia companhia, todos os funcionários que não atuavam no palco vestiam-se com fardas de assistentes de bordo.

Não que a Olivia tivesse alguma coisa contra *strippers*, e adorava o *Magic Mike XXL*. Ter o Channing Tatum, o Joe Manganiello e o Matt Boomer no mesmo filme, todos em tronco nu? Sim, por favor. Mas havia um tempo e um lugar para estas coisas, e aquela noite e aquele restaurante não eram os indicados para o Wesley lhe mostrar «os movimentos de marca», como anunciara há coisa de uma hora.

Na verdade, ele estava completamente embriagado. Para um tipo com um metro e oitenta e cinco e quase oitenta e seis quilos, não aguentava álcool *nenhum*. No entanto, conseguira montar-se em cima da Olivia, até esta, atordoada e boquiaberta, o sacudir e se desculpar com uma ida à casa de banho.

— Ah, voltaste! — exclamou o Wesley, como se ela tivesse regressado de uma viagem a Itália e não de uma ida aos lavabos. — Como estava a casa de banho?

— Espetacular. — Colou um sorriso nos lábios e chamou um empregado. — Podemos pedir já a sobremesa, por favor? Dois gelados de maçã caramelizada com *kuromoji*. Obrigada.

Não fazia intenção de partilhar, e se o Wesley não gostasse da sua escolha, azar o dele.

A Olivia aguentara uma quase *lap dance*, ele podia aguentar o gelado.

— Já queres a sobremesa? Ainda nem acabaste a comida — comentou ele, olhando para o *sushi* que restava na travessa dela.

— Quando a trouxerem, já terei terminado.

Ele soltou uma gargalhada.

— Não vais cons… — mas parou de falar quando ela devorou a comida com o apetite de um rapaz de treze anos que acabara o treino. Tradução: limpou o prato todo em dois minutos. — Uau. Comes mais depressa do que eu. É *sexy*.

O Wesley levantou-se da cadeira.

Oh, não.

Era a recompensa por concordar em sair com um tipo que conhecera numa aplicação de encontros. Não era a primeira vez que a Olivia se encontrava com alguém que conhecera *online*, mas era a primeira em que concordava jantar com um homem que não fora devidamente investigado. Por norma, demorava mais de um dia a trocar mensagens antes de as coisas avançarem para o nível seguinte. Porém, depois de um primeiro ano muito cansativo em consequência do seu mestrado, e um verão igualmente difícil a lidar com os idiotas dos colegas, precisava de se divertir.

Tudo bem, o último exame fora há cinco dias e só trabalhava com os tais colegas idiotas há dois, mas, mesmo assim, merecia um pagamento extra por ter de suportar aqueles idiotas imaturos e sexistas. As pessoas achavam que Wall Street em Nova Iorque tinha mau ambiente? É porque nunca conheceram a sucursal de São Francisco da Pine Hill Capital. A prestigiada empresa de capitais privados em que a Olivia trabalhava desde que, há cinco anos, decidira dar o salto da banca de investimentos.

— Wesley, senta-te — ordenou, inconscientemente no tom de voz que costumava usar com os cães.

— Mas há pouco não acabei de te mostrar os meus movimentos.

— Não os quero ver. — A Olivia dirigiu um sorriso contido ao empregado, que regressava com as sobremesas e olhava com estranheza na direção do Wesley, apesar de não tecer comentários.

Os dois botões de cima da camisa do Wesley estavam abertos, revelando uma nesga de peito musculado e pele bronzeada. Não era malparecido, mas se não se sentasse nos próximos dois minutos, ela não se responsabilizava por onde poderia enfiar a biqueira do sapato.

A Olivia aproximou a cadeira da mesa para ele não ter hipótese de voltar a sentar-se ao seu colo. Levou uma colherada de gelado à boca e — *Oh. Meu. Deus.*

Todos os pensamentos de enfiar o sapato onde o sol não brilhava desapareceram da sua cabeça, concentrando-se no pedaço de céu frio e cremoso que tinha na boca. Era maravilhoso. Valia definitivamente a pena os trinta minutos da sua vida, mas assim que acabasse a sobremesa, iria raspar-se dali. O Wesley podia pagar a conta — e não voltaria a pôr-lhe a vista em cima.

A Olivia interrogou-se se podia também comer a sobremesa dele. O pobre gelado estava a derreter, e ele não parecia querer parar de lhe «mostrar os movimentos». Salvar aquele gelado perfeito de ter uma morte inglória era, para ela, quase um imperativo moral.

— Olivia, olha — disse o Wesley, soando estranhamente choramingas para um homem de vinte e nove anos. — Não estás a olhar. Este é o meu espasmo pélvico. As mulheres adoram.

Alguém me mate já.

Pelo menos estavam num dos cantos mais discretos do restaurante, longe da cozinha e da maior parte dos clientes. Os comensais mais próximos — um casal a meio dos quarenta, com bom aspeto — dirigiram à Olivia e ao Wesley o mesmo olhar de estranheza que o empregado de mesa mostrara antes. Mas o Wesley ainda não fizera nada demasiado vergonhoso, como tirar a camisa. Pouco depois, o casal distraiu-se com a comida, enquanto o tipo abanava o rabo com satisfação.

— Senta-te. Para — disse ela.

Ele nem a ouviu.

Que se lixe. Terminou o seu gelado e trocou a taça vazia pela do Wesley. Ele não merecia a sobremesa.

— Não acredito que não gostas dos meus movimentos — protestou ele, arrastando as palavras, ofendido. Aproximou-se mais, e ela percebeu que desabotoara mais alguns botões da camisa, tinha metade do peito à mostra. Se alguém do restaurante o visse, seria expulso por indecência. — Sou a estrela do Cock Pit. As mulheres solicitam-me *especificamente* para as despedidas de solteira. Ganho mais de mil dólares por noite. Consigo apertar uma moeda entre…

A Olivia não descobriu onde ele apertava a moeda — graças a Deus — porque aproveitou aquele momento e virou a cabeça para o lado esquerdo. Na verdade, bastaram alguns centímetros, até ver por cima do ombro do Wesley. Tendo em conta o tamanho do universo, aquele movimento era quase insignificante.

Ou *teria sido* nada se o seu olhar não tivesse colidido com um par de olhos de ónix que lhe era familiar e que a sugou como um buraco negro. Nada conseguia fugir dali — nem a luz, nem o som, nem os batimentos dolorosos do seu coração. Assim, sem mais nem menos, tudo à sua volta desapareceu menos aquele homem que a Olivia mais jovem acreditou que segurava todo o seu mundo na palma das mãos. Até o idiota do Wesley deixou de existir, e estava praticamente em cima dela.

A expiração da Olivia saiu num misto trémulo de entusiasmo, vergonha e raiva.

— Olivia? — O seu nome saiu dos lábios perfeitos do Sammy Yu como uma canção de amor há muito esquecida, invocando memórias de dias dourados e noites maravilhosas.

Os olhos negros viajaram entre a colher de gelado parada a meio caminho da boca, passaram pelo peito exposto do Wesley, e aterraram no rosto dela. Viu a centelha de confusão e diversão que os invadia, e foi esta última emoção que lhe deu força para fitar o Wesley de forma tão ameaçadora que o homem recuou de imediato.

— Vou à casa de banho — anunciou ele, com a indignação a libertar-se por todos os seus poros. — É evidente que os meus espasmos pélvicos não são devidamente apreciados.

E foi-se embora, com a camisa meio aberta a ondular com a brisa. Nem olhou para o Sammy.

Os lábios deste contorceram-se.

— Não sabia que a ementa também tinha espasmos pélvicos.

— És muito engraçado. Estávamos, *eu* estava de saída — disse a Olivia com toda a dignidade que conseguiu desencantar. Pousou a colher. De qualquer maneira, o gelado já se tinha derretido, e podia aproveitar para fugir, agora que o Wesley fora à casa de banho.

Por norma, ela jamais faria algo tão rude, mas já estava farta daquele dia. Continuava a piorar — e deparar-se com o ex-namorado a meio de um encontro horrível contava definitivamente como «o pior» que podia acontecer.

— Não vais para casa com aquele espécimen tão atraente, capaz de espasmos pélvicos? — O Sammy fingiu-se chocado. — Não me digas.

Ela fitou-o furiosamente.

— O sarcasmo não te fica bem, Sammy.

O Sammy que ela conhecia não recorria ao sarcasmo exceto por piada, para ser engraçado, só que o homem que estava à sua frente não era esse Sammy.

Continuava alto e bonito — tão bonito que só de o ver sentiu um arrepio agradável a percorrer-lhe o corpo. Tinha os mesmos olhos, as mesmas maçãs do rosto e queixo fortes, o mesmo cabelo escuro — embora agora o usasse mais curto do que nos tempos de faculdade. Mas o corpo esguio preenchia-se de músculos definidos, os olhos brilhavam com mais cinismo, e demonstrava uma segurança que só se adquiria com a idade.

Com casaco castanho-claro, camisa formal preta e expressão endurecida, o Sammy não podia estar mais diferente do miúdo descontraído, amante de matemática, que só vestia *T-shirts,* que conhecera um dia. Agora, era um homem feito que não demonstrava grande apreço por ela.

— O que fazes aqui? — quis saber a Olivia. Ele não reagira à observação do sarcasmo, e o silêncio já a incomodava. Quase desejava que o Wesley estivesse ali para servir de filtro. Porque demorava tanto tempo, já agora? Teria caído na sanita?

Por outro lado, ela escondera-se na casa de banho durante uns bons vinte minutos enquanto conversava com a Farrah, por isso não tinha moral para falar.

O Sammy arqueou as sobrancelhas alguns milímetros.

— Ora bem, isto é um restaurante. Vim jantar, como fizeram os restantes clientes. E *tu*, o que fazes aqui?

— Hmm, creio que respondeste à minha pergunta. Vim jantar. — O *duh* estava implícito.

— Mas não vives em São Francisco.

— Este verão, vivo. Trabalho na sucursal da minha empresa em São Francisco, em vez de em Nova Iorque. — Não sabia por que razão lhe contava isto tudo. Já nem eram amigos. Infelizmente, tinham muitos amigos em comum do ano em que estudaram no estrangeiro, e eram constantemente obrigados a coexistir nos mesmos espaços, por conta

dos tais amigos. Tinham estado no casamento da Farrah, em breve iriam ao da Kris, faziam viagens de grupo, reuniões… coisas às quais a Olivia não podia escapar-se, fosse por lealdade ou pelo forte sentido de poder ser excluída. O pensamento do Sammy devia seguir mais ou menos o mesmo instinto, porque ele também ia a quase todos os encontros do grupo.

Por isso, os dois instalaram-se numa espécie de tréguas constrangedoras, mas civilizadas, que consistiam basicamente em ignorarem-se e sentarem-se em extremos opostos da sala ou mesa onde se encontrassem.

— Hmm. — Ele pareceu desagradado com a revelação de que a Olivia iria passar o verão em São Francisco. Graças à Farrah, ele sabia que ela estava a tirar o mestrado em Stanford — a Olivia quase matara a amiga por ter deixado escapar a informação, ao que a Farrah respondera: «Porquê? Estás com medo de que ele apareça no *campus* e façam as pazes com sexo escaldante?»

Ah! Até parece. Já se tinham passado oito anos, era um pouco tarde demais para pazes com sexo.

Quanto ao desagrado do Sammy, azar o dele. Ele não era dono da cidade. Se ela quisesse *mudar-se* para São Francisco, mudava-se (não queria, mas *podia*).

— Olivia, és tu?

Quando uma loura que lhe era familiar parou ao lado do Sammy, a Olivia retesou-se. O cabelo dourado caía-lhe sobre os ombros em ondas lustrosas, o batom vermelho condizia na perfeição com o vestido *Ted Baker*, e o rosto era tão bonito que faria qualquer supermodelo chorar.

Jessica.

— És mesmo tu! — A namorada do Sammy sorriu-lhe amplamente. — O Sam não me disse que estavas aqui, em São Francisco.

Ela chamava-lhe Sam? *Ninguém* lhe chamava Sam.

Mas ele nem sequer pestanejou ao ouvir o diminutivo.

— Só cá estou durante o verão — respondeu, repetindo a explicação e forçando um sorriso. — Acabei o primeiro ano na Faculdade de Gestão em Stanford, e estou a trabalhar na sucursal da minha empresa em São Francisco até as aulas recomeçarem.

— Eu não sabia que ela estava na cidade até nos termos encontrado aqui. — O Sammy pôs um braço em volta da cintura da Jessica, e a Olivia

combateu o impulso de vomitar. Só estivera com a rapariga em duas ocasiões — no churrasco que o Sammy organizara no Quatro de Julho, em Nova Iorque, havia três verões, e no casamento da Farrah e do Blake. Curiosamente, também lhe apetecera vomitar nessas ocasiões. — Estava de saída. Tem de ir antes de o seu encontro regressar da casa de banho. — Um sorriso retorcido curvou os cantos da boca do Sammy.

A Olivia fitou-o furiosa; e ele fitou-a também com uma irritante sobrancelha arqueada.

Justiça lhe fosse feita, a Jessica não insistiu em saber por que razão ia deixar sozinho o rapaz com quem saíra. Em vez disso, sorriu ainda mais.

— Devíamos jantar um dia destes. Há uma série de bons restaurantes na cidade que de certeza ias adorar.

Caraças. Por que razão tinha de ser tão *simpática?* Seria mais fácil detestá-la se fosse uma autêntica cabra. Não que a Olivia tivesse algum motivo para detestar a namorada do ex-namorado, nem nada parecido. Ela já nem gostava do Sammy.

— A Olivia está de certeza muito ocupada. — A voz do Sammy continha uma nota de aviso.

— Demasiado ocupada para jantar? — A Jessica dirigiu um olhar ao namorado que a Olivia não soube interpretar.

— Obrigada pelo convite, Jessica. E sim, um dia destes marcamos um jantar. — Claro que preferia rebolar numa poça de água de esgoto a jantar com a Jessica e o Sammy, mas estávamos no século XXI, as pessoas faziam constantemente planos vagos que nunca se concretizavam. — Bem, tenho de ir. Surgiu uma emergência no meu apartamento.

Precisava de sair dali. O Wesley podia regressar a qualquer instante, o Sammy sugava todo o oxigénio na sala, e a Jessica… bem, a Jessica estava a dar-lhe a volta ao estômago.

Não porque a loura fosse má ou tivesse dito alguma coisa de errado, mas apenas porque estava ali. Com ele. A Olivia odiava vê-los juntos, e odiava-se por isso.

A Jessica franziu as sobrancelhas.

— Mas está tudo bem?

— Sim. Só tenho de verificar… uma coisa.

— Tens o número do Sam? Se precisares de ajuda, liga-lhe, e vamos ter contigo.

— Obrigada. — Era estranhíssimo que uma mulher que mal conhecia estivesse a comportar-se como se fossem as melhores amigas, e mais estranho ainda que a dita-cuja parecesse determinada a combinar encontros entre o namorado e a ex-namorada, mas aquele não era um problema para ela resolver.

O Sammy permaneceu calado, com uma expressão indecifrável.

A Olivia murmurou as despedidas, pagou o jantar, contrariando os seus planos anteriores — não confiava que o Wesley pagasse a conta ou desse uma gorjeta adequada —, e chamou um táxi.

Enquanto o táxi avançava pelas ruas das colinas de São Francisco, encostou a cabeça ao banco de trás e fechou os olhos, sentindo a exaustão a entranhar-se nos ossos.

Caramba, que noite. Primeiro aquela saída ridícula, depois o encontro com a Jessica e o Sammy.

Não contactara o Sammy no ano anterior, quando se mudara para a Califórnia, embora ele fosse a única pessoa que conhecia na região. Stanford ficava a quarenta e cinco minutos de carro de São Francisco, e ela passara o ano enterrada em trabalho académico. Além disso, apesar de já não haver hostilidade entre os dois, também não eram propriamente amigos.

— Controla-te, Olivia — murmurou entre dentes.

Pensar no passado era desperdício de tempo. Coisa que ela detestava. A esperança média de vida para uma mulher nos Estados Unidos, nascida no ano da Olivia, era de setenta e nove anos, correspondendo a vinte e oito mil oitocentos e trinta e cinco dias, quarenta e um milhões quinhentos e vinte e dois mil e quatrocentos minutos. Vivia com um relógio sempre presente na cabeça, fazia a contagem decrescente de todos estes dias e minutos até que um dia chegaria à inevitável, ainda que desconhecida, data da sua morte. Algumas pessoas podiam considerar esta contagem mórbida, mas ela achava-a reconfortante. A Olivia ansiava por estrutura nos seus dias, e uma vida tinha um princípio, um meio e um fim, como todas as coisas deviam ter.

Este relógio mental tinha o benefício adicional de lhe recordar como o seu tempo era precioso. Se não fosse produtiva, feliz ou descontraída, estava a perder tempo.

Mas aquela noite? Que esbanjamento colossal! E não ia arrastá-la interrogando-se pela milésima vez se poderia ter havido um fim diferente para a sua história com o Sammy. Se tivesse enfrentado a mãe, se não tivesse mentido, se o Sammy não tivesse dito as coisas que disse…

Abanou a cabeça, afastando os pensamentos do passado para aquela gaveta mental catalogada como *Não-Abrir*, onde eles pertenciam. De modo a distrair-se, pegou no telemóvel e reviu as notas para a reunião de segunda-feira, até que o táxi parou em frente do seu prédio.

As rendas em São Francisco eram ainda mais exorbitantes do que em Nova Iorque — que já atingiam uma loucura —, mas tivera sorte com o estúdio que subarrendou ao amigo de um amigo. Pagava uma soma astronómica todos os meses por um apartamento do tamanho de uma caixa de sapatos, mas podia ser bem pior.

A Olivia abriu a porta, ansiosa por tomar um duche quente e enfiar-se na cama. Mal podia esperar… *espera, mas que diabo?*

Um cheiro denso e húmido atingiu-lhe o nariz antes de o cérebro registar o cenário que se estendia à sua frente: o chão do apartamento brilhava sob cinco centímetros de água.

— Só podem estar a gozar comigo.

A voz aguda e chocada ecoou nas paredes e foi absorvida pelas poças que destruíam os seus pertences. O colchão, que pusera no chão porque a cama ainda não chegara? Arrasado. O tapete lindo de lã que cobria o soalho? Irreconhecível. As caixas de cartão que não desempacotara porque andava demasiado ocupada com o trabalho? Meio desfeitas.

Tive uma emergência no meu apartamento.

A desculpa que usara para se escapulir do restaurante voltou a inundar-lhe o pensamento e sentiu vontade de vomitar — outra vez. Não era supersticiosa, mas uma pequena parte de si interrogou-se se não teria manifestado aquele pesadelo. Estivera ausente de casa durante poucas horas. Como *diabo* fora aquilo acontecer?

Pressionou a palma das mãos sobre as têmporas e tentou aprofundar a respiração.

Eram nove da noite, estava exausta e com metade das suas coisas arruinadas. Não fazia a menor ideia de como começar a limpar aquela confusão, e, ainda por cima, numa cidade onde não tinha amigos. Ninguém para a ajudar.

Um som primitivo subiu-lhe pela garganta, e demorou um instante a perceber que se ria à gargalhada. Com histeria. Pela primeira vez na vida sempre tão meticulosamente planeada, a Olivia Tang não sabia o que fazer.